



TEORIAS DE AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA(GEM) RELACIONADAS AO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Beatriz Caroline Meyer¹

(Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)

Victor Renato Raulino²

(Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)

Marly Krüger de Pesce³

(Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE)

Resumo: Este artigo tem por objetivo investigar em que medida professores de Língua Inglesa utilizam metodologias de ensino que se fundamentam em teorias de aquisição/aprendizagem da língua(gem). Nesse sentido, foram utilizadas diferentes teorias que tratam da temática, desde abordagens comunicativas e mais naturalizadas, até abordagens mais tradicionais e mecânicas. Foram abordados alguns aspectos das teorias de autores como Vygotsky, Chomsky, Piaget, Skinner e Saussure. A pesquisa realizada foi um exercício pedagógico da disciplina de Introdução à Linguística Aplicada do curso de licenciatura em Letras dos pesquisadores. Foi utilizado um questionário para a coleta dos dados na plataforma *Google Forms*, que foi disponibilizado para professores de Língua Inglesa. Responderam ao questionário 16 professores atuantes em diferentes redes de ensino. A análise dos dados indicou que a maioria dos respondentes faz uso, principalmente, de atividades e estratégias de ensino que se baseiam na Teoria Histórico-Cultural, buscando utilizar uma metodologia comunicativa em suas aulas. Em algumas respostas, também se destacaram o Cognitivismo e o Gerativismo. Contudo, constatou-se que a prática dos professores pode ser relacionada a diferentes teorias, dependendo das atividades que eles utilizam em suas aulas, dos objetivos por eles propostos e das estratégias de ensino que melhor aplicam-se em sala de aula.

Palavras-chave: Língua Inglesa; Aquisição da linguagem; Aprendizagem de línguas; Metodologias de ensino.

Language acquisition/learning theories related to English language teaching

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) - UNIVILLE.

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras (Português e Inglês) - UNIVILLE.

³ Doutora em Educação/Psicologia da Educação pela PUC/SP. Professora do curso de Letras e PPGE - UNIVILLE.

Abstract: This article aims to investigate the extent to which English Language teachers use teaching methodologies that are based on theories of language acquisition/learning. In this sense, several theories about this theme were reviewed, from communicative and more naturalized approaches to more traditional and mechanical ones. Some aspects of the theories of authors such as Vygotsky, Chomsky, Piaget, Skinner and Saussure were addressed. The research carried out was a pedagogical assignment of the course of Introduction to Applied Linguistics of the researchers' undergraduate course in Letters. A research questionnaire was used to collect data on Google Forms platform, which was provided to English language teachers. The questionnaire was answered by 16 teachers who work in different education networks. The data analysis indicated that the majority of the respondents make use mainly of activities and teaching strategies that are based on Historical-Cultural Theory, seeking to use a communicative methodology in their classes. Cognitivism and Generativism were also highlighted in some answers. Nevertheless, it was found that the teachers' practices can be related to different theories, depending on the activities they apply in their classes, the objectives they propose and the teaching strategies that best apply in the classroom.

Keywords: English Language; Language acquisition; Language learning; Teaching methodologies.

Introdução

Atualmente, em meio ao mundo globalizado em que vivemos, caracterizado pelo constante crescimento dos intercâmbios culturais e da circulação de produtos, informações e conhecimentos, e ao uso da língua inglesa como língua franca (língua que várias pessoas, que falam idiomas diferentes, adotam para se comunicarem entre si) pelos habitantes de diferentes países, aprender inglês tem se tornado uma necessidade fundamental para os cidadãos acompanharem as mudanças sociais, sobretudo culturais, políticas e econômicas que estão acontecendo em todo o mundo contemporâneo, incluindo o Brasil (MOTA, 2008).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (2020), um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais aos alunos da Educação Básica brasileira, aprender uma língua estrangeira envolve mais do que as habilidades de ler, escrever, compreender e falar nessa língua, pois significa poder comunicar-se e interagir com pessoas de outras culturas e lugares. Nesse sentido os estudantes poderão utilizar a língua para “expressar sua voz no mundo”, tornando-se sujeitos do conhecimento e cidadãos capazes de transformar a sua realidade, conforme os ideais de Paulo Freire, patrono da educação brasileira.

Neste trabalho, foi dado enfoque aos métodos de ensino de língua inglesa utilizados por professores de inglês em escolas públicas, privadas e de idiomas, entendendo-se que o professor de inglês precisa ter conhecimentos diversos, não só da língua que ensina, mas, principalmente, dos fatores que interferem no ensino e na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Para entender os processos de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira, é fundamental compreender o processo de aquisição da linguagem, explicado diferentemente por diversas teorias linguísticas. Conhecê-las é fundamental para compreender como se dá a constituição humana e como a linguagem fundamenta a sua existência. Adiante, portanto, serão abordadas as principais teorias de aquisição da linguagem.

De acordo com um estudo elaborado pelo Plano CDE para o *British Council* (2015) – a organização internacional do Reino Unido que promove a cooperação entre este e o Brasil nas áreas de língua inglesa, artes, sociedade e educação –, que teve como objetivo a compreensão das principais características do ensino da língua inglesa na Educação Básica da rede pública brasileira, são muitos os desafios para o ensino do inglês no Brasil, cujas origens são institucionais, formativas, ligadas à infraestrutura das escolas ou mesmo à vulnerabilidade social das famílias atendidas pelo sistema público.

Segundo esse estudo, os professores desejam se aprimorar e oferecer melhores condições de aprendizado para seus alunos, mas encontram poucos estímulos nesse sentido. Eles afirmam não ter acesso a capacitações e melhores recursos didáticos e, quando o têm, consideram inadequado o que é oferecido para a sua realidade e a de seus alunos. Além disso, eles percorrem uma trajetória solitária em busca de melhores qualificações e condições de trabalho. O dado mais agravante é que muitos não tiveram acesso à formação específica para a área de inglês: muitos são professores de outras áreas que lecionam inglês por falta de professores especializados, com pouco apoio institucional e acesso a recursos didáticos adequados, dependendo excessivamente de suas capacidades individuais para o planejamento e a execução das aulas (*BRITISH COUNCIL*, 2015).

Já a pesquisa “Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil”, elaborada pelo Instituto de Pesquisa Data Popular para o *British Council* (2014), teve como objetivo entender o interesse da classe média em aprender inglês. Constatou-se que no Brasil, 5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês. Essa porcentagem, porém, varia entre as gerações, sendo que o percentual dos jovens entre 18 e 24 anos que afirmam falar inglês dobra, chegando a 10,3%. Em 2014, 9% dos brasileiros de 16 anos ou mais pesquisados afirmaram que pretendiam iniciar um curso de inglês, sendo que a falta de um ensino básico de qualidade, somada ao baixo acesso a cursos privados de inglês, faz com que o mercado de trabalho tenha dificuldade em encontrar profissionais com proficiência na língua no Brasil.

Diante desses dados preocupantes, os professores precisam conhecer como ocorre a aquisição e a aprendizagem da língua materna e de uma língua estrangeira (destacando-se o

inglês nas diretrizes educacionais brasileiras). O domínio da língua afeta a aprendizagem de disciplinas, pois dependem de habilidades linguísticas como a leitura e a escrita. Portanto, a atividade escolar se baseia especialmente na linguagem e a falta de conhecimento sobre como ela é adquirida pode dificultar o processo de aprendizagem como um todo e a formação do sujeito do conhecimento autônomo e cidadão (CELANI, 1996).

Para então desenvolver esta pesquisa, buscou-se investigar em que medida professores de inglês utilizam metodologias de ensino que consideram os princípios das teorias de aquisição da linguagem. Desse modo, a partir do conhecimento das teorias da linguagem, foi aplicado um questionário a professores de língua inglesa com o intuito de levantar tais informações, buscando-se relacionar as metodologias de ensino utilizadas pelos professores às teorias de aquisição da linguagem apresentadas a seguir, as quais serviram de base a todas as etapas desta pesquisa.

Pressupostos teóricos

Visando-se investigar as características que dão forma à aquisição da linguagem, é notório que se faça uma busca por teóricos que tomam como tema esse assunto. Portanto, algumas teorias podem ser trazidas para a fundamentação deste artigo. Os exemplos de teorias mais relevantes que serão abordadas brevemente são: a Teoria Estruturalista, de Ferdinand de Saussure; a Teoria Histórico-Cultural, de Lev Vygotsky; o Cognitivismo, sobretudo de Jean Piaget; o Behaviorismo, de Burrhus Skinner; e o Gerativismo, de Noam Chomsky.

Língua e linguagem e a teoria estruturalista

De uma maneira geral, a linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir e compreender a língua e outras manifestações de comunicação, como a pintura, a música e a dança. Já a língua é um conjunto organizado de elementos (sons e gestos) que possibilita a comunicação em sociedade e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim (PETTER, 2018).

Os seres humanos são os únicos animais dotados da faculdade da fala. Embora primatas, golfinhos e outros animais possuam sistemas de comunicação bastante desenvolvidos para as ciências da linguagem, o conceito de linguagem corresponde às formas humanas de comunicação, muito mais complexas que a comunicação animal (MUSSALIM, 2009).

Para Ferdinand de Saussure (2006), o fundador da Linguística Moderna e do Estruturalismo Linguístico, a linguagem é uma faculdade/capacidade humana, inerente ao indivíduo, e é constituída por um lado individual e um lado social, mas não pode ser classificada em nenhuma categoria de fatos humanos, pois é multifacetada e heterogênea. Já a língua é a parte social da linguagem e permite-nos exercer esta faculdade, pois é um instrumento criado e fornecido pela coletividade, sendo, portanto, adquirido no meio social, diferentemente da linguagem, que é inerente a cada ser humano. Dessa forma, a língua só existe na esfera da coletividade, entre os membros de uma comunidade, constituindo-se como uma instituição social, visto que ela é um sistema que rege e regulamenta a vida em sociedade. Saussure, portanto, define a língua como um sistema de signos verbais, sendo estes a união de sons com ideias e significados, que é compartilhada pelos membros de uma comunidade.

A teoria estruturalista de Saussure entende, portanto, que a língua é um sistema externo aos indivíduos, dotado de regras a serem estudadas metodologicamente.

Perspectiva sócio-histórica

Segundo a teoria Vygotskyana, existe uma relação fortíssima entre a aprendizagem e a linguagem, pois, é por meio da ferramenta linguagem que acontece a aprendizagem. Desse modo, há dependência entre elas. “A aprendizagem é um processo que ocorre na interação com o outro através da qual se dá sentido às coisas. O ser humano nasce em um mundo social e o seu desenvolvimento ocorre através da aprendizagem pela e na linguagem” (PESCE, 2017b, p. 1).

Quanto à interação, é por meio dela que se dá a relação do indivíduo com o social, e também o caminho para a aprendizagem. Para Vygotsky, a interação com o meio é geradora de aprendizado. Nesse sentido, o indivíduo nasce apenas como ser biológico e torna-se homem sendo um sujeito participante no meio em que está inserido.

Para Vigotski, o desenvolvimento da inteligência é produto da convivência social desde o nascimento e, na ausência do outro, o homem não se constrói. A vivência em sociedade é essencial para transformar o homem de ser biológico em ser humano. É pela aprendizagem nas relações com os outros que se constroem os conhecimentos que permitem o desenvolvimento mental. (PESCE, 2017b, p. 2)

Desse modo, a relação existente entre indivíduo e meio social é de suma importância para o desenvolvimento humano, não sendo possível, portanto, ser humano sem estar em

contato com o outro. Nessa perspectiva, a aprendizagem é um processo que possibilita a evolução intelectual e Vygotsky explica esse processo a partir do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Conforme Pesce (2017b, p.3), a ZDP

define o momento entre o nível de desenvolvimento real do aluno, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Ademais, a teoria de Vygotsky trata de outro importante conceito, que é a internalização. Na concepção do teórico, o desenvolvimento pessoal se dá pela aprendizagem e pelas interações sociais, daí surgem dois planos no desenvolvimento psicológico: nível intrapsicológico e nível interpsicológico. Segundo Pesce (2017b), esses planos se distinguem uma vez que no nível intrapsicológico considera-se o que a criança sabe fazer sozinha (desenvolvimento real), enquanto no nível interpsicológico, com a ajuda de um indivíduo mais experiente, a criança torna-se capaz de resolver coisas maiores (desenvolvimento potencial).

Outro ponto importante na visão de Vygotsky é o desenvolvimento do pensamento verbal, o qual se constrói a partir das palavras, da fala externa, e se configura em significado, fala interna. Segundo Soares (2006, p. 10), “para Vygotsky, a criança, a princípio, dependerá de signos externos, ou seja, dos significados atribuídos pelo outro às suas ações ‘ambíguas’ dirigidas aos objetos”. Nisso se dá outra colocação de Vygotsky, a mediação de um ser externo na aprendizagem do indivíduo, sendo a linguagem um instrumento de mediação entre o indivíduo e a cultura.

Nessa teoria, a linguagem é fundamental ao desenvolvimento humano, pois permite ao ser humano adquirir funções psicológicas superiores, como o pensamento abstrato, a imaginação e a memória seletiva, e que acontece fundamentalmente a partir da interação do indivíduo com o outro/mundo exterior. A linguagem é, portanto, o elemento que nos torna humanos e nos permite desenvolver nosso potencial enquanto sujeitos sócio-históricos (PESCE, 2017b).

Perspectiva cognitivista

De acordo com Pesce (2017a, p. 1), “a psicologia cognitiva objetiva compreender como a mente pensa e aprende, comprovando a existência da construção de modelos mentais”.

Nesta perspectiva, a linguagem é entendida como parte da cognição. Dentre as correntes teóricas cognitivistas, uma das mais importantes é a corrente construtivista representada principalmente por Jean Piaget (DIAS, 2010).

O construtivismo entende a linguagem como uma forma de representação, porque permite ao sujeito evocar verbalmente objetos e acontecimentos ausentes. Para Piaget, a construção das capacidades intelectuais se dá através de estágios nos quais as crianças desenvolvem um conjunto de esquemas cognitivos. O pesquisador propôs as idades para cada estágio, embora cada criança possua seu próprio ritmo de desenvolvimento (DIAS, 2010).

Para ele, segundo Dias (2010), a linguagem é construída mediante a interação entre a criança e o meio, mostrando-se como um reflexo das capacidades cognitivas da criança, e desenvolve-se a partir dos dois anos, quando a criança consegue representar mentalmente seus esquemas de ação, isto é, padrões organizados de comportamentos que uma pessoa usa para pensar e agir em uma situação.

Portanto, a teoria piagetiana sugere que o desenvolvimento linguístico depende do desenvolvimento da inteligência, sendo a linguagem sua representação. A linguagem, então, acompanha o desenvolvimento cognitivo.

Perspectiva behaviorista

O behaviorismo é uma corrente teórica da Psicologia, que tem como objeto de estudo somente aquilo que pode ser observado e descrito de forma rigorosa e objetiva, limitando-se à observação objetiva dos comportamentos dos organismos, ao invés de investigar qualquer fenômeno que faça referência a eventos mentais ou processos psicológicos internos (FINGER, 2007).

Skinner é um dos principais representantes dessa teoria, que em relação à linguagem entende como sendo um comportamento, ou seja, aprender a falar, assim como outras formas de comunicação, é um comportamento submetido às mesmas leis dos demais tipos de comportamento humano. Em seu livro *Verbal Behavior*, publicado em 1957, ele argumenta que a linguagem é um comportamento aprendido, um hábito, e é construída a partir da interação do ser com os estímulos fornecidos pelo meio (FINGER, 2007). Os enunciados linguísticos são memorizados pelo aprendente de modo que possam ser reproduzidos quando necessário.

A autora ainda argumenta que, segundo os behavioristas, a aquisição da linguagem se dá mediante a experiência que a criança desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas que com ela convive e é determinada, em última instância, tanto pela qualidade e quantidade da

língua que a criança ouve como pela consistência do reforço oferecido a ela pelas outras pessoas em seu meio, fatores estes que determinam o grau de sucesso que ela pode vir a atingir no seu desenvolvimento. Assim, o ambiente é o único responsável pelo provimento do conhecimento que ela porventura virá a adquirir, através das leis de condicionamento. A partir da imitação de sons e padrões, da prática assistida com reforços negativos e positivos e da formação de hábitos, ela constituirá a sua língua(gem).

Diante disso, para explicar como as crianças produzem formas de palavras e sentenças jamais ouvidas ou vistas, Skinner defende que a criança associa as diferentes formas ouvidas/vistas sistematicamente àquelas com as quais já está familiarizada (habituada) por ter aprendido as sequências da língua. A criança adquire ainda a capacidade de generalização (FINGER, 2007).

Portanto, para os behavioristas, a linguagem é considerada um condicionamento social, ou seja, uma resposta que o organismo humano produz aos estímulos que recebe da interação social. A partir de repetições, essa resposta é reforçada e torna-se hábito de fala, que constituem o comportamento linguístico de um indivíduo. Portanto, a linguagem humana é um fenômeno externo ao indivíduo, que nada tem de inato, e sua aquisição se dá através de estímulos e respostas no meio condicionadas (KENEDY, 2008).

Perspectiva gerativista

O gerativismo, ou inatismo, corrente teórica fundada por Noam Chomsky, defende o papel preponderante da mente na aprendizagem da língua. Para esta perspectiva teórica, a capacidade humana de falar e de entender uma língua deve ser compreendida como consequência de um dispositivo inato, entendido como a faculdade da linguagem, de ordem genética e interna ao organismo humano e que deve estar localizada na biologia do cérebro/na mente da espécie. O papel do gerativismo é, portanto, construir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa faculdade mental (KENEDY, 2008).

O gerativismo defende que a criança já nasce com uma gramática internalizada e que a partir do convívio com a fala dos adultos ela vai moldando a sua. Essa intuição ou conhecimento inconsciente e natural de uma língua que todos os falantes nativos possuem é denominado competência linguística e está presente na genética e na mente dos indivíduos, independente do ensino da língua na escola. Essa competência linguística desenvolve-se através da gramática universal, um conjunto de instruções sobre as propriedades gramaticais compartilhadas por todas as línguas e as diferenças previsíveis entre elas, e que nos torna aptos a desenvolver ou a

adquirir a gramática de uma língua. Portanto, a partir de operações mentais, as crianças transformam a Gramática Universal na gramática da sua língua materna (KENEDY, 2008; SILVA, 2020).

Em 1981, Chomsky propôs que o ser humano possui um dispositivo de aquisição da linguagem inato (DAL), que o possibilita a aprender um sistema linguístico no qual está imerso. A partir dos insumos (*input*) que recebe, o indivíduo cria regras ao generalizar os exemplos da língua. (SILVA, 2020).

Metodologia

A pesquisa realizada teve como característica uma abordagem quali-quantitativa. Segundo Lakatos e Marconi (1991), a pesquisa quantitativa tem seus resultados quantificados. Já a pesquisa qualitativa, de acordo com Minayo (2001), busca interpretar os resultados, preocupando-se com o que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com fenômenos mais profundos: significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, etc.

Esta pesquisa foi um exercício pedagógico desenvolvido na disciplina de Introdução à Linguística Aplicada do curso de graduação em Letras (Licenciatura) dos pesquisadores.⁴

O instrumento de pesquisa utilizado foi um questionário virtual, por meio da plataforma *Google Forms*, com 2 perguntas fechadas e 9 abertas, em que as duas primeiras serviram para uma pequena identificação da vida profissional e acadêmica dos respondentes. Os professores foram contatados pelas redes sociais e por e-mail a partir da rede de contatos dos pesquisadores. O número de participantes justifica-se pela impossibilidade de se ter ido às escolas, devido à pandemia do novo coronavírus, e a suspensão das aulas presenciais.

Responderam ao questionário da pesquisa 16 professores de língua inglesa de diferentes instituições de ensino (escolas públicas, particulares e de idiomas) localizadas nas cidades de Barra Velha, Guaramirim, Jaraguá do Sul e Joinville, na região norte do Estado de Santa Catarina.

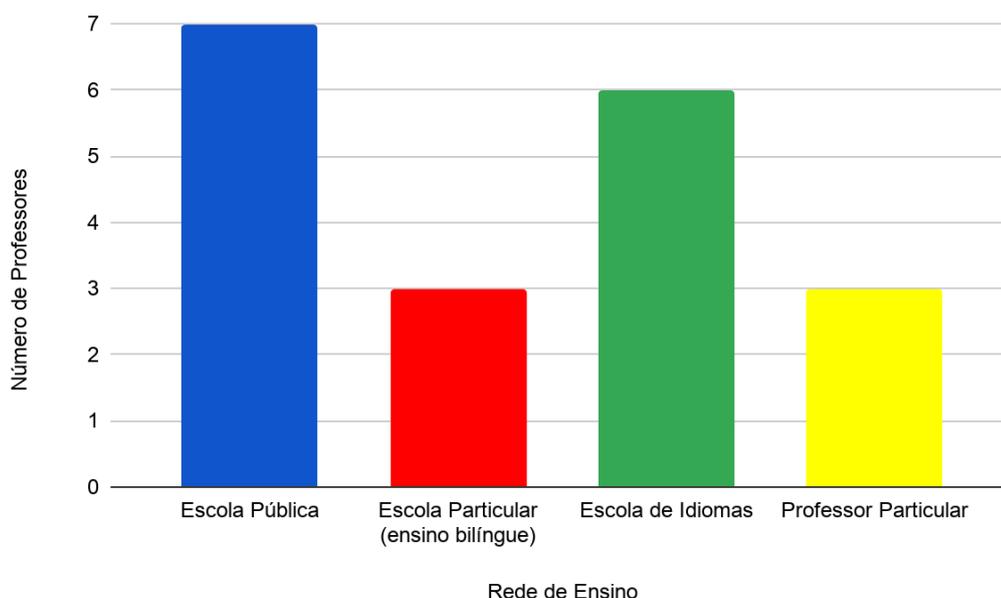
A partir das respostas coletadas e das teorias que serviram de base para esta pesquisa, realizou-se a análise dos dados exposta a seguir.

⁴ Devido ao seu objetivo inicial, a pesquisa não foi enviada ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP). Porém, como se tratou de uma pesquisa com seres humanos, asseguramos aos respondentes total liberdade para responder ou não ao questionário. Também nos dispusemos a auxiliá-los em caso de dúvidas com relação às perguntas e de haver interesse em receber o envio da pesquisa concluída. Quanto à identificação, foi garantido o anonimato dos respondentes.

Resultados e discussão

Para identificar os professores desta pesquisa foram feitas duas perguntas, nas quais os 16 respondentes informaram sobre em que tipo de escola trabalham e qual a sua formação acadêmica. Dentre as respostas (Gráfico 1), 7 deles são professores de escola pública, 3 são de escola particular com ensino bilíngue, 6 são de escola de idiomas e 3 dão aulas particulares, sendo que alguns atuam em dois meios de ensino ao mesmo tempo. Quanto à formação, 9 afirmaram ter graduação em Letras (licenciatura) concluída, 5 têm alguma certificação internacional, 2 estão cursando licenciatura em Letras, 2 possuem pós-graduação em educação e/ou em ensino de inglês e um a está cursando, um possui outra formação, mas é falante nativo da língua, e um não possui nenhuma formação na área, mas é fluente no idioma.

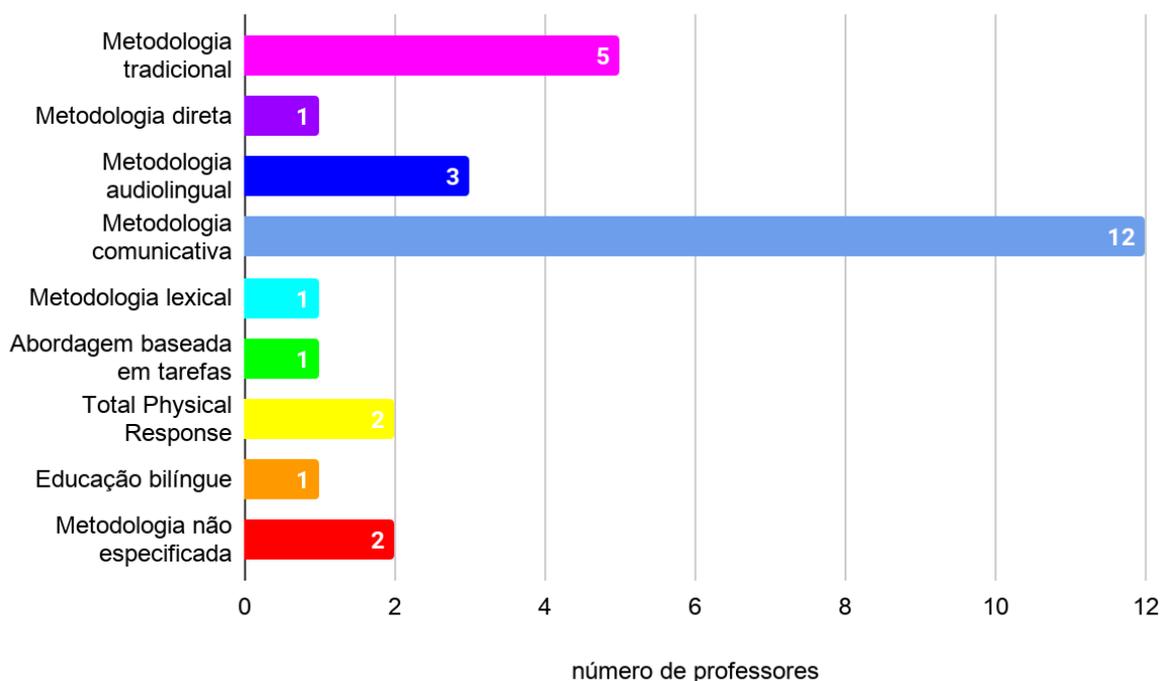
Gráfico 1: Relação entre o número de participantes e a rede de ensino em que atuam.



Fonte: primária.

A terceira questão do questionário foi aberta e investigou as principais metodologias de ensino e atividades utilizadas pelos professores em suas aulas. Foram criadas categorias de análise às respostas dos professores de acordo com as principais metodologias de ensino de língua inglesa existentes e com algumas respostas específicas que apareceram (Gráfico 2). Salienta-se que quase todas as respostas não se limitaram à classificação em uma única metodologia.

Gráfico 2: Principais metodologias de ensino utilizadas pelos professores de inglês pesquisados.



Fonte: primária.

Percebe-se que muitos professores aplicam metodologias variadas em suas aulas, utilizando vários tipos de atividades com objetivos diferentes.

A metodologia comunicativa foi a que mais apareceu nas respostas, sendo utilizada por doze dos participantes. Esta abordagem visa ao ensino da língua estrangeira de maneira contextualizada, baseado em situações cotidianas, através da reflexão a partir de textos e da interação entre os alunos, como em atividades mais lúdicas, com enfoque na comunicação oral e no desenvolvimento da consciência crítica cultural, sendo que se privilegia a fluência ao invés da fala sem erros gramaticais (UPHOFF, 2008; OLIVEIRA, 2014 *apud* ARCE, 2015). Dentre as atividades citadas pelos professores, destacam-se a leitura, a interpretação e a compreensão de diferentes gêneros textuais, jogos, conversação, simulações de situações cotidianas e debates.

Com relação às teorias de aquisição da linguagem, a abordagem comunicativa encontra fundamento na perspectiva histórico-cultural, que compreende a linguagem como uma ferramenta para a interação entre os seres humanos e através da qual se dá o desenvolvimento e a aprendizagem, em meio às relações sociais. Esta abordagem também se fundamenta na teoria de Stephen Krashen, que defende que a aquisição de uma nova língua só pode ocorrer em ambientes culturalmente propícios à aquisição, enfatizando a mensagem em detrimento da

forma, ou seja, a interação e a comunicação na língua-alvo. Além disso, é possível associar a abordagem comunicativa à teoria Piagetiana, no sentido de que o autor cognitivista defende que as crianças aprendem através da sua ação sobre o ambiente, defendendo a criatividade, a autonomia na resolução de problemas e a importância dos “erros” no processo educativo (PESCE, 2017a; SOUZA, 2015).

A metodologia tradicional é utilizada por cinco professores pesquisados. Nela o ensino é teórico e baseia-se na gramática normativa da língua estrangeira e na tradução para a língua materna, com enfoque na memorização das regras gramaticais e do vocabulário e na língua escrita. Entende-se que esta abordagem se baseia na perspectiva estruturalista da língua, cuja definição é a de um instrumento criado e fornecido pela coletividade, sendo, portanto, um sistema externo ao indivíduo que deve ser aprendido dessa forma, através do ensino de suas regras, e não através do seu próprio uso. Como exemplos de atividades, destacam-se o estudo do conteúdo “em blocos”, de acordo com a gramática normativa, e a ênfase na leitura e na tradução.

Já a metodologia audiolingual, utilizada por três professores, tem o ensino com enfoque na audição e na fala através da repetição de palavras e frases por meio de exercícios de transformação e substituição e de respostas a perguntas, todos adequados à gramática normativa da língua estrangeira aprendida, sendo fundamental a correção de erros linguísticos sem o uso da explicação gramatical e do significado exato das palavras (UPHOFF, 2008; OLIVEIRA, 2014 *apud* ARCE, 2015). Este método está baseado na perspectiva behaviorista, que defende a linguagem como um comportamento aprendido que é construído a partir da interação do ser com o *input* fornecido pelo meio, e não a partir dos processos mentais.

Há ainda outras metodologias que apareceram em menor número nas respostas.

A metodologia direta é baseada no contato direto e exclusivo com a língua estrangeira e tem enfoque na oralidade, sem o apoio da língua materna em sala, mas de outros recursos como imagens, gestos e simulações para auxiliar no entendimento do novo idioma. A metodologia lexical valoriza a aprendizagem de uma língua estrangeira associada ao léxico e ao seu papel na produção de sentidos na interação comunicativa, através do ensino de pedaços de frases já prontas e de combinações de palavras, ao invés de palavras soltas. Na abordagem baseada em tarefas, o professor designa tarefas para os alunos realizarem usando os conhecimentos linguísticos e comunicativos que eles já possuem para resolvê-las, propiciando que eles se engajem ativamente em uma tarefa na qual a comunicação é o foco primordial. O *Total Physical Response* (Resposta Física Total) ou TPR, método desenvolvido pelo professor de psicologia e linguista americano James Asher, baseia-se no uso dos movimentos corporais

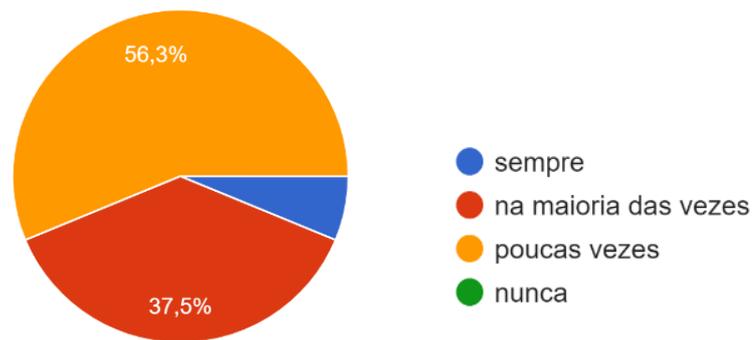
como mecanismo de aprendizagem de línguas e pressupõe que haja, por meio do professor, um maior estímulo às capacidades de audição e de compreensão dos alunos. Já a educação bilíngue corresponde ao ensino de inglês dentro das outras disciplinas do currículo escolar; com isso, o inglês passa a ser o meio de instrução para a aprendizagem dos conteúdos de outras disciplinas, e não uma matéria em si (UPHOFF, 2008; OLIVEIRA, 2014 *apud* ARCE, 2015; LOPEZ JUNIOR *et al.*, 2017; MELLO, 2010).

Por fim, dois professores não especificaram as metodologias que utilizam, porém um explicou que suas metodologias variam de acordo com a série e o conhecimento prévio dos alunos sobre a língua inglesa, cabendo ao professor fazer um pré-diagnóstico e avaliar as metodologias que melhor se aplicam à turma. Acredita-se que esta visão explica, de maneira geral, o uso de várias metodologias de ensino pelos professores, que não se atém a apenas uma abordagem teórica, pois utilizam o que melhor se aplica na prática com os alunos.

Uma correlação interessante a se fazer é que todos os cinco professores que citaram atividades correspondentes à metodologia tradicional trabalham em escola pública, o que demonstra o quanto a escola ainda é a rede de ensino que valoriza e reproduz métodos de ensino tradicionais. No entanto, ressalta-se que os professores não se limitam ao uso de uma única metodologia, fato que será mais profundamente abordado nas próximas questões.

Na questão 4 (Gráfico 3), baseada nos referenciais teóricos apresentados, entende-se que ela buscou levantar informações sobre o uso de uma metodologia de ensino mais behaviorista, em que os professores trabalham com atividades mais mecanizadas, como a escuta e a reprodução de um áudio seguida da repetição e da substituição de palavras ouvidas anteriormente. Segundo Pesce (2017c), o método behaviorista entende que a aprendizagem da língua se dá por meio de uma mudança comportamental dos indivíduos, onde o reforço, resultado da imitação, repetição, memorização e respostas aos estímulos do professor, é o que possibilita o aprendizado. Nesta perspectiva, segue abaixo o percentual de uso dessas atividades pelos respondentes:

Gráfico 3: Frequência da utilização pelos professores de atividades que envolvam a escuta, a repetição em voz alta e a substituição de palavras e frases.

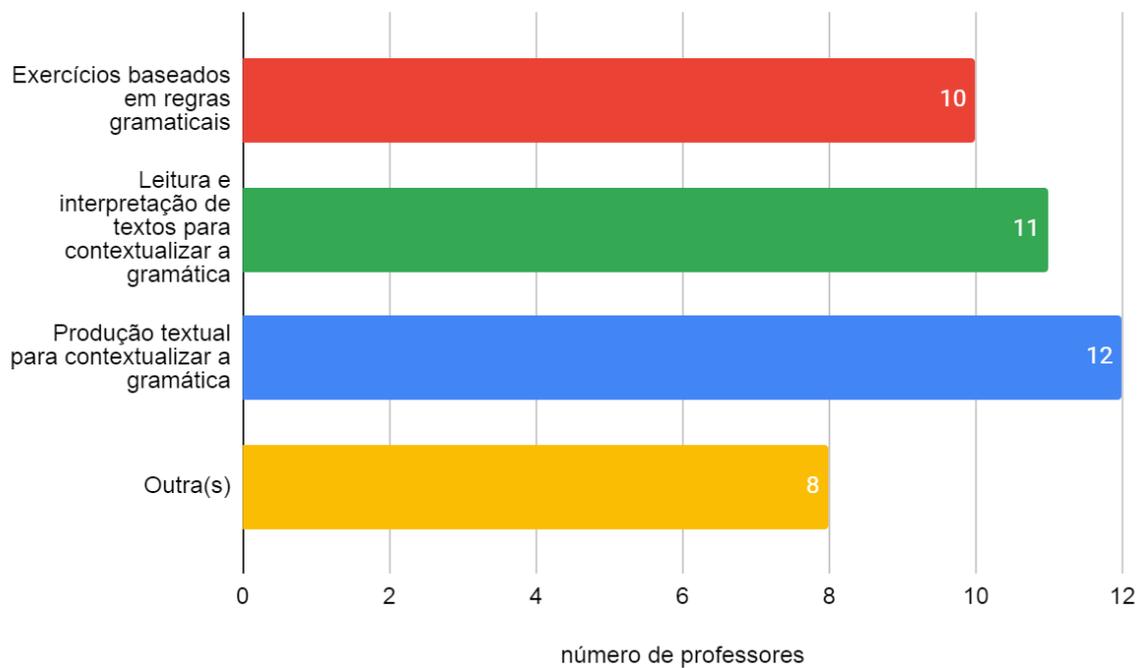


Fonte: primária.

Conforme o gráfico acima, as respostas apontam que a maioria dos professores utiliza atividades baseadas em uma perspectiva mais behaviorista poucas vezes. Ao mesmo tempo, 37,5% dos entrevistados utilizam esta abordagem no ensino, sendo que 6,2% a utilizam sempre e nenhum dos participantes não a utiliza. Desse modo, é possível perceber que o Behaviorismo e o método audiolingual ainda influenciam consideravelmente o ensino de inglês atual, uma vez que os professores os utilizam em menor ou em maior frequência. Ressalta-se que o uso desta estratégia de ensino também pode estar relacionado a uma metodologia mais tradicional ou até mesmo ao Gerativismo, porém nesta questão os autores escolheram dar enfoque ao Behaviorismo.

A quinta questão, por sua vez, teve por objetivo selecionar os tipos de atividades utilizadas para o ensino da gramática normativa da língua inglesa, conforme o Gráfico 4.

Gráfico 4: Atividades utilizadas para o ensino da gramática normativa da língua inglesa.



Fonte: primária.

Diante dos dados coletados, o resultado aponta o entendimento múltiplo dos professores sobre as formas de se ensinar a gramática da língua inglesa, uma vez que era possível escolher mais de uma alternativa, o que resultou tanto na alta utilização de exercícios gramaticais como na de atividades que ensinam a gramática de forma contextualizada, como a leitura e a produção textual.

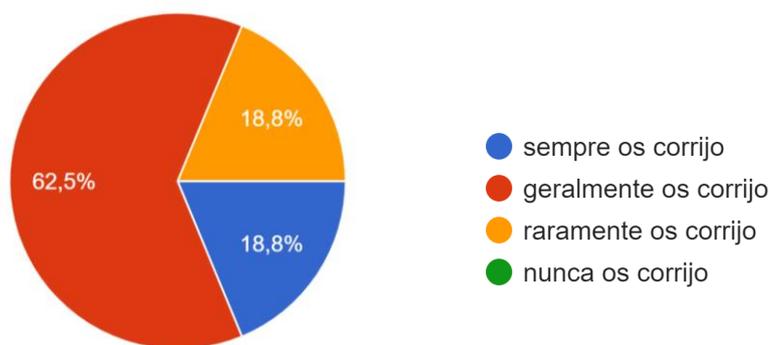
A primeira opção está mais associada à perspectiva estruturalista, pois esta corrente teórica, segundo Costa (2008), compreende a língua como sendo formada a partir de elementos coesos, relacionados a partir de um conjunto de regras, o que constitui, então, uma organização, um sistema, uma estrutura. Tal organização se estrutura conforme leis internas, ou seja, dentro do próprio sistema, cabendo ao aluno estudar as regras desse sistema como algo externo a ele.

A segunda e a terceira opções podem ser associadas à perspectiva sócio-histórica e à abordagem comunicativa, pois abordam a utilização de atividades voltados à análise linguística, em que a atividade mais destacada é a produção textual, que trabalha a contextualização do conteúdo gramatical, bem como a criatividade e a expressão das ideias dos alunos.

Além das respostas apresentadas nos gráficos, foram citadas também outras atividades que envolvem o uso de *quizzes*, jogos, outras atividades contextualizadas e a conversação. É importante observar que uma das respostas destaca uma visão bem behaviorista de ensino, uma vez que traz atividades que se baseiam em frases e diálogos prontos.

A sexta questão buscou entender o modo como os professores visam à oralidade, ou melhor, como os professores trabalham a correção da fala dos alunos, em se tratando da pronúncia e da gramática normativa. Conseqüentemente, a pergunta abordou a aplicação de teorias que consideram importante a correção imediata após a fala do estudante, como as teorias behaviorista e estruturalista, base da metodologia tradicional, sobretudo a primeira, que tem mais enfoque na oralidade, conforme o Gráfico 5:

Gráfico 5: Frequência com a qual os professores corrigem a fala dos alunos.

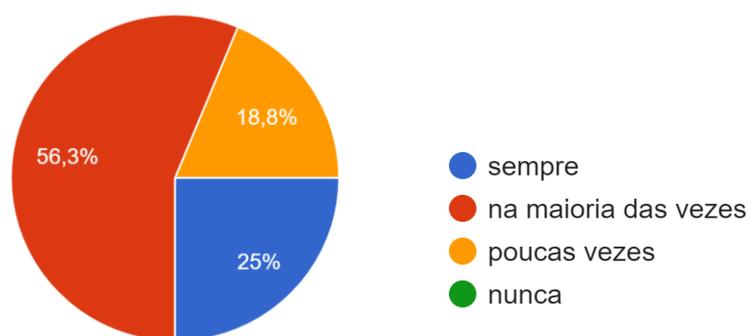


Fonte: primária.

A partir das respostas, foi possível perceber que uma concepção de aprendizagem mais behaviorista parece fundamentar o processo de correção pela maioria dos respondentes, sendo que 62,5% dos professores geralmente corrigem seus alunos e 18,8% o fazem sempre. Apenas 18,8% dos professores raramente corrigem a fala de seus alunos, pois provavelmente privilegiam a espontaneidade na comunicação e a maior autonomia do aluno, o que é defendido pela teoria histórico-cultural, bem como a construtivista. Desse modo, pode-se notar que apesar da técnica da correção dar pouco privilégio à comunicação livre e natural, a maioria dos professores entende que os erros são ruins ao aprendizado e que sua correção evita que se tornem um hábito. Portanto, apesar da maioria dos professores não utilizar atividades de repetição e substituição (Gráfico 3), em contrapartida, prevalece majoritariamente o uso da perspectiva behaviorista na correção da fala dos alunos.

Por outro lado, a sétima questão (Gráfico 6) também investigou o uso de uma abordagem mais comunicativa ao perguntar sobre a importância que os professores dão para a interação entre os alunos em suas aulas, que é apresentado a seguir:

Gráfico 6: Frequência da utilização de atividades interativas entre os alunos sem a interrupção do professor para correções.

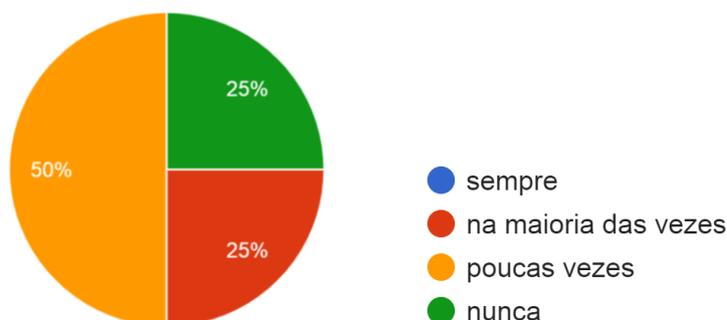


Fonte: primária.

O gráfico mostra que há a grande valorização da comunicação entre os alunos em sala de aula, sendo que apenas 18,8% dos professores a promove poucas vezes, o que possibilita dizer que, embora seja um pouco contraditória à questão 6, essa questão evidencia novamente a utilização dos professores de diferentes teorias em suas práticas de acordo com o contexto de sua aula. Segundo Pesce (2017b), a compreensão sócio-histórica, que predominou na estratégia de ensino desta questão, entende que a aprendizagem é um processo de interação com o outro, mediada pela linguagem, que, conseqüentemente, dá sentido ao sujeito sobre o mundo e si mesmo. Os professores, portanto, parecem buscar aplicar um ensino contextualizado e comunicativo ao promover a interação entre os alunos, privilegiando mais a comunicação ao invés da correção nesses momentos de interação.

A oitava questão (Gráfico 7), por sua vez, investigou o uso da perspectiva estruturalista da língua, ao perguntar sobre o uso da tradução:

Gráfico 7: Frequência da utilização de atividades de tradução para o português.



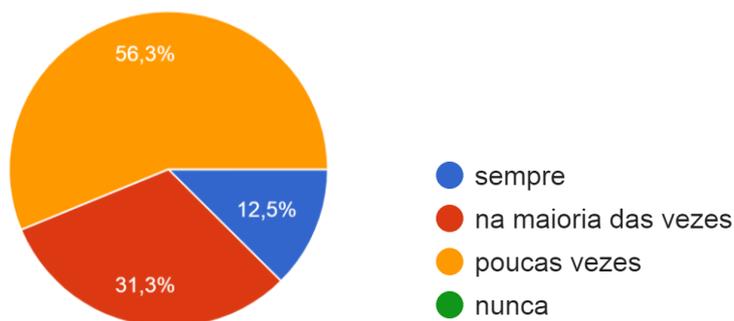
Fonte: primária.

Conforme o gráfico acima, foi possível identificar que a maioria dos professores optam pela aprendizagem naturalizada da língua inglesa, ou seja, 50% utilizam pouco a tradução para

a língua portuguesa e 25% nunca utilizam este tipo de atividade. Nesse sentido, apenas 25% baseia-se no estruturalismo, que entende a língua como um sistema de signos verbais compartilhado socialmente por indivíduos de uma mesma comunidade, que dão sentido e significado a esse sistema. É possível que os demais professores tenham uma visão mais sócio-histórica ou cognitiva da aprendizagem de inglês sem tradução, valorizando a aprendizagem dentro de contextos reais de comunicação ou o papel do desenvolvimento cognitivo, ou seja, de ordem interna, na aprendizagem de uma nova língua.

Em se tratando da questão 9 (Gráfico 8), esta visou registrar o entendimento dos professores quanto à ênfase em atividades de exposição a insumos linguísticos. Entende-se como insumo o conjunto do conteúdo linguístico ao qual o aprendiz é exposto, que deve ser suficiente e compreensível a fim de que o aluno possa aprender/internalizar a língua alvo (UPHOFF, 2008; MOTA, 2008). Os professores respondentes assim se posicionaram:

Gráfico 8: Frequência com a qual os professores dão maior ênfase em atividades de exposição a insumos linguísticos do que em exercícios de produção da língua.



Fonte: primária.

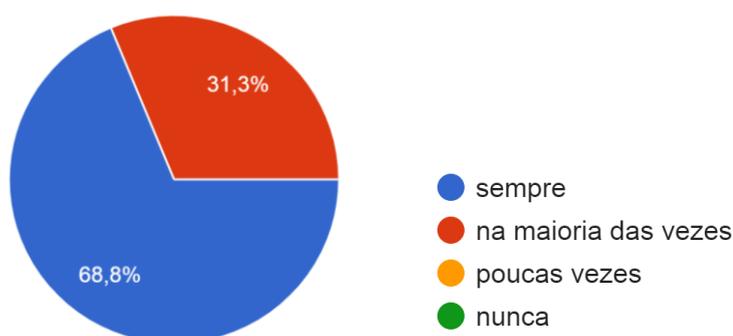
O gráfico aponta que um pouco menos da metade dos professores (43,7%) prioriza atividades de exposição dos alunos ao conteúdo de inglês a ser aprendido, como novo vocabulário ou a sua revisão, do que exercícios de produção da língua, como a fala e a escrita. Diante disso, parece não haver uma compreensão consciente do papel do *input* como indicado na teoria Gerativista, que ao postular a existência da Gramática Universal, defende a importância do insumo como elemento fundamental à aquisição de L2, pois ele contém evidência positiva sobre a língua, ou seja, informação sobre o que é possível ser realizado linguisticamente naquele sistema, a ser associada e internalizada pelo dispositivo de aquisição da linguagem para a aprendizagem de uma nova língua. Destaca-se que a Hipótese do Insumo,

de Krashen, uma das principais contribuições teóricas sobre o insumo linguístico, também considera a noção do dispositivo de aquisição da linguagem (MOTA, 2008).

Todavia, não se pode afirmar que não ocorra uma exposição de insumos linguísticos nas atividades propostas pelos professores, já que as respostas não permitem que se faça essa afirmação. Além disso, é necessário destacar que não existe teoria de aquisição da linguagem ou metodologia de ensino que não preveja alguma forma de exposição à língua alvo, entretanto, elas diferem quanto ao tratamento dado ao insumo linguístico.

Por sua vez, a questão 10 (Gráfico 9) buscou identificar a presença de alguns aspectos abordados pelo cognitivismo na visão de ensino dos professores, como a valorização dos tipos de aprendizagem e dos processos mnemônicos.

Gráfico 9: Frequência com a qual os professores utilizam atividades que se baseiam em processos cognitivos.

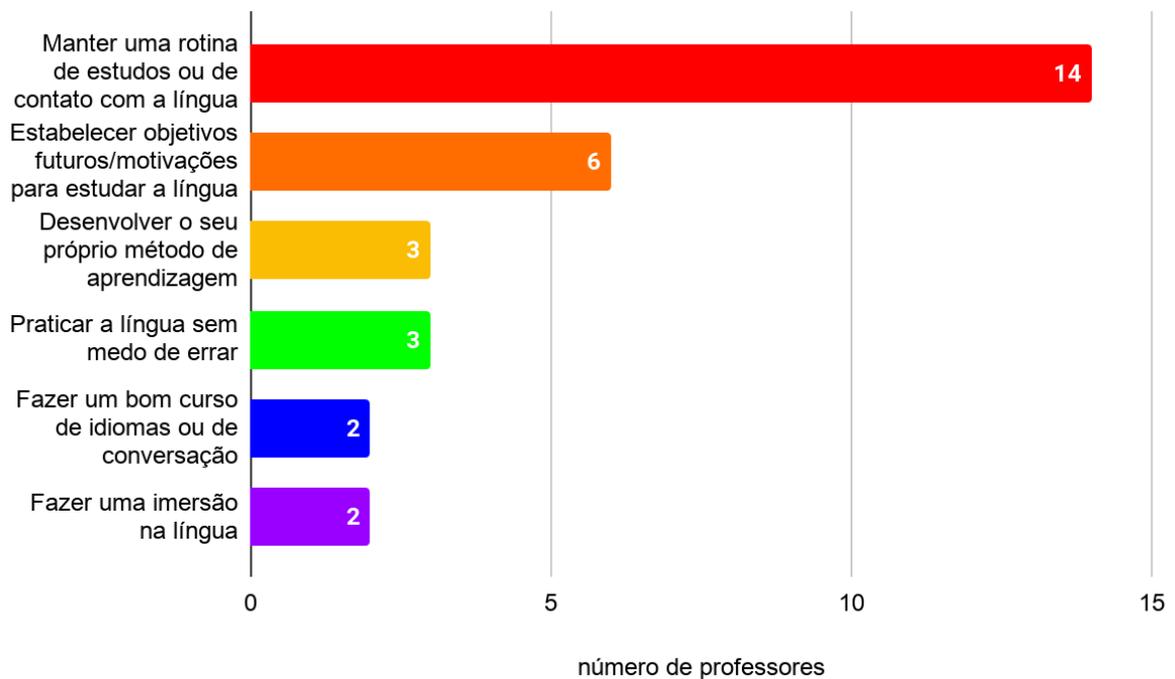


Fonte: primária.

A partir do gráfico acima, é possível notar que, no geral, todos professores entendem a linguagem como um processo cognitivo, que parte de dentro do indivíduo, atrelado aos demais processos psicológicos, como a percepção, a memória e a aprendizagem, os quais são considerados nas atividades aplicadas. Esta visão faz parte da perspectiva cognitivista, cujo um dos maiores autores é Piaget, que entende a linguagem como parte da cognição humana, e que se desenvolve mediante a interação entre a criança e o meio, mostrando-se como um reflexo das capacidades cognitivas da criança e que está interligada ao seu desenvolvimento cognitivo.

Por fim, a questão 11 (Gráfico 10), que era aberta, teve como objetivo entender quais ações os professores consideram necessárias para a aquisição ou a aprendizagem de um novo idioma. Nesta questão também foram criadas categorias de análise de acordo com a semelhança das respostas, destacando-se várias ações citadas por professor, cuja representação segue abaixo:

Gráfico 10: Ações sugeridas pelos professores para aprender uma nova língua.



Fonte: primária.

Segundo o gráfico, a ação mais importante destacada por 14 professores foi a dedicação e o comprometimento com os estudos de uma nova língua, bem como a constante exposição e prática dessa língua que envolve hábitos de leitura, escuta e fala, conforme as respostas obtidas. Em segundo lugar, foi destacado estabelecer as motivações para o estudo da língua, seja através das possibilidades mais próximas que isto traz, como compreender músicas, filmes e séries em inglês, ou de objetivos futuros, como arranjar um bom emprego, morar no exterior ou viajar. Também foram citados: desenvolver o próprio método de aprendizagem do idioma; praticá-lo sem medo de errar; fazer um curso de idiomas ou de conversação (destaca-se que apenas dois professores consideraram esta opção muito valorizada em nossa cultura); e, por fim, fazer uma imersão na língua.

Ao relacionar essas respostas com as teorias de aquisição da linguagem, pode-se dizer que a prática dos professores não se fundamenta em apenas uma teoria. Os 14 professores que valorizam a constante exposição e prática da língua demonstram valorizar o insumo linguístico como um elemento fundamental para o aprendizado mais natural e significativo de uma nova língua; no entanto, como nem todos os respondentes especificaram a rotina de estudos sugerida, suas respostas podem estar associadas a diferentes perspectivas teóricas. Seis dos professores respondentes indicaram que valorizam estabelecer as razões motivadoras (fatores sociais) para

aprender uma nova língua demonstram possuir uma visão sócio-histórica, pois esta teoria entende a linguagem como o instrumento mediador entre o indivíduo e o meio social, sendo que o ser humano só se desenvolve na relação com o outro, ou seja, ao interagir no mundo. Essa teoria também está relacionada a aprender uma nova língua sem medo de errar, priorizando-se a comunicação em situações reais.

Também é possível associar esta categoria de análise ao cognitivismo, pois este entende a linguagem como parte da cognição, havendo, portanto, a influência de processos psicológicos na aprendizagem de uma nova língua, como a motivação, autoestima, crenças e emoções. Diante disso, por fim, os 3 professores que valorizam entender e desenvolver o próprio método de aprendizagem de língua também demonstram possuírem um entendimento cognitivista de aprendizagem, estando a linguagem associada a diversos processos psicológicos responsáveis pelo desenvolvimento e a aprendizagem.

Considerações finais

A partir da análise dos dados é possível fazer um grande apontamento: torna-se evidente que os professores de inglês pesquisados fazem uso de mais de uma teoria de aquisição da língua(gem) em suas metodologias, ou seja, não seguem um modelo teórico específico. É possível estabelecer duas hipóteses para a adoção de múltiplas teorias em sala de aula: 1º) o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira é complexo e, portanto, uma teoria pode auxiliar a outra no ensino da língua, dependendo das estratégias de ensino adotadas; 2º) os professores pesquisados podem possuir pouco domínio das teorias apresentadas nesta pesquisa ou um conhecimento “implícito” das teorias e recorrem a elas de acordo com o que funciona na prática, baseando-se em suas experiências, seus alunos e no ambiente onde trabalham.

Para a confirmação ou a refutação dessas hipóteses, faz-se necessária uma nova pesquisa que investigue mais a fundo o conhecimento dos professores sobre as teorias de aquisição da linguagem, visto que a presente pesquisa investigou alguns aspectos relacionados à prática dos professores e em que medida eles se fundamentam nas teorias abordadas.

Ao se considerar que o uso das teorias não se dá de forma específica por cada um dos professores, é possível analisar quais as teorias que mais se fazem presentes em suas metodologias. Desse modo, em uma visão geral, observou-se que os professores dão grande valor às situações de comunicação/interação através de atividades contextualizadas e lúdicas e ao protagonismo do aluno em sala de aula, o que evidencia pressupostos da teoria sócio-histórica, de Vygotsky. Além disso, eles demonstram compreender que a aprendizagem está

bastante associada à constante exposição à língua de forma mais natural e à experimentação do aluno, podendo-se, então, destacar também a teoria gerativa, de Chomsky, e o cognitivismo, de Piaget.

É interessante ressaltar que algumas atividades apontadas pelos professores trazem à tona a teoria estruturalista, de Saussure, que pode ser consequência da permanência da abordagem tradicional de ensino no ambiente escolar. Por outro lado, ainda que pouco privilegiado nas metodologias dos professores, o behaviorismo se destacou em algumas questões, o que demonstra, que para alguns professores, o método audiolingual ainda apresenta suas vantagens.

Quanto às ações para a aprendizagem de uma nova língua, os professores destacam de forma bem significativa o comprometimento, ou seja, o esforço no estudo, e a prática rotineira. A maioria sugere, portanto, o hábito da leitura, da fala e da escuta no idioma, uma vez que o contato é o que possibilita a naturalização da língua, demonstrando perspectivas mais associadas ao gerativismo ou ao sociointeracionismo. Além disso, compreendem que traçar objetivos e ter uma motivação bem evidente para o estudo torna ainda mais eficaz o aprendizado. É interessante que os professores valorizam a autonomia do sujeito na aprendizagem de uma nova língua, pois apenas dois consideraram fundamental fazer um curso de idiomas. Dessa forma, também compartilham visões sócio-históricas e cognitivistas da língua para aprender um novo idioma.

Nesse sentido, nota-se uma certa coerência entre as metodologias de ensino utilizadas pelos participantes e as suas propostas para a aprendizagem de inglês, pois, ao mesmo tempo em que a maioria dos professores trabalha a língua por um viés mais sociocomunicativo e naturalizado, sugere proposições que visam ao contato e ao uso constante da língua através de diferentes atividades que sejam significativas para os estudantes.

Referências

ARCE, D. M. Resenha de “Métodos de ensino de inglês: teorias, práticas, ideologias” (OLIVEIRA, 2014). *Odisseia*, Natal, n. 15, p. 120-124, jul.-dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Aprender Inglês: meu novo mundo. **MEC - BNCC**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/ensino-medio/116-aprender-ingles-meu-novo-mundo>>. Acesso em: 21 set. 2020.

BRITISH COUNCIL. Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil. São Paulo: *British Council*, 2014. 29 p. Disponível em:

<https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/demandas_de_aprendizagempesquisacompleta.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

BRITISH COUNCIL. O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira. São Paulo: *British Council*, 2015. 42 p. Disponível em: <https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

CELANI, M. A. A. C. A relevância da Linguística Aplicada na formulação de uma política educacional brasileira. *In: Reunião Anual da SBPC*, São Paulo, 1996.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. *In: MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de linguística.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126.

DIAS, Fernanda. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. *Letrônica*, v. 3, n. 2, p. 107-119, dez. 2010.

FINGER, Ingrid. A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. *In: QUADROS, Ronice Müller de; FINGER, Ingrid. Teorias de aquisição da linguagem.* 2007, p. 8-24.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. *In: MARTELOTTA, M. E. (org.). Manual de linguística.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 127-140.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 1991.

LOPEZ JUNIOR *et al.* Aprendizagem baseada em tarefas e o desenvolvimento da língua inglesa como segunda língua: Análises a partir da Perspectiva Ecológica. *Entretextos*, Londrina, v. 17, n. 2, p. 175-194, jul.-dez. 2017.

MELLO, H. A. B. Educação bilíngue: uma breve discussão. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 9, n.1, p. 118-140, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOTA, Mailce Borges. **Aquisição de segunda língua.** Florianópolis: UFSC, 2008. 55 p. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecific/aquisicaoSegundaLingua/assets/630/Texto-base_disciplina_AQUISICAOL2.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

MUSSALIM, Fernanda. **Linguística I.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009, 152 p.

PESCE, M. K. de. **A perspectiva cognitivista.** Joinville: UNIVILLE, 2017a.

PESCE, M. K. de. **A teoria histórico-cultural.** 2003. Joinville: UNIVILLE, 2017b (revisão). Disponível em: <https://www.univille.edu.br/community/1331-1an.ila-2020_1/VirtualDisk.html>. Acesso em: 16 set. 2020.

PESCE, M. K. de. **Teoria de aquisição da linguagem na visão behaviorista.** Joinville: UNIVILLE, 2017c.

PETTER, Margarida M. T. Qual a diferença entre língua e linguagem? **Nova Escola**. 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/257/qual-a-diferenca-entre-lingua-e-linguagem#:~:text=A%20linguagem%20%C3%A9%20a%20capacidade,gestos>>. Acesso em: 21 set. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organização: Charles Bally e Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. 278 p.

SILVA, Beatriz da. Desenvolvimento da linguagem: uma proposta inatista. **Filologia.org.br**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/iiijnlflp/textos_completos/pdf/Desenvolvimento%20da%20linguagem-%20uma%20proposta%20inatista%20-%20BEATRIZ.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.

SOARES, Maria Vilani. Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens. 24 f. Trabalho final da disciplina “Tópicos em Aquisição da Linguagem II” - Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará. **Revista Gatilho**. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26877/18559>>. Acesso em: 16 set. 2020.

SOUZA, Arlei da Silva. O processo de aquisição de um segundo idioma em crianças e adultos. **Estação Científica**, Juiz de Fora, n. 14, jul. – dez. 2015.

UPHOFF, Dörthe. A história dos Métodos de Ensino de Inglês no Brasil. *In*: BOLOGNINI, Carmen Zink. **A língua inglesa na escola: Discurso e ensino**. Campinas: Mercado de Letras, 2008, p. 9-15.

Recebido em: 10/12/2020 Aceito em: 22/01/2021